

## **Cinco pedaços de Brasil**

## **Do autor:**

*Piratas da Cachoeira* (2011)

*O Árvore* (2013)

*O Excluído* (2015)

*Cinco Pedacos de Brasil* (2016)

Alexandre M Arcari

Arte da capa por Hugo klemar

## **Cinco pedaços de Brasil**

São Paulo  
2016



Para Talita Ribeiro, amiga que chegou à minha vida em 98 e desde então trilha sua estrada em eterna parceria. Ter a sua amizade é um grande porto seguro nessa grande viagem.



## Sumário

Prólogo – de São Paulo	9
Goiânia	15
Brasília	27
Belo Horizonte	67
Vitória	105
Rio de Janeiro	129
Epílogo – para São Paulo	145



## **Prólogo – de São Paulo**

As malas estavam prontas, meu quarto uma bagunça. Uma ânsia me subia o estômago. Ansiedade que ia e vinha em minha alma que transbordava. Viajar era sempre assim. Mas agora era diferente. Apesar de não muito longa, seria a mais distante e por lugares não muito usuais. As pessoas comuns preferem escolher um banco de areia para fincar a cadeira e o celular. Lembro o momento da escolha, enquanto divagava fazer um tour pelo sudeste do país. Pesquisava loucamente todas as passagens para qualquer capital. Lembro que da última vez, quando queria conhecer Santa Catarina, comprei uma passagem só de ida para Porto Alegre, que é mais distante, tem uma cultura única e custava, na época, oitocentos reais mais barato que Florianópolis. E eis que me deparo com Goiânia. Uma cidade que, para mim, não havia a menor relevância em conhecer. A não ser pela curta distância de Brasília, a capital. Poderia conhecer duas cidades em um tempo

curto, supondo que ambas não são imensas igual São Paulo.

Terminei de dobrar as roupas e depusitei na mala de ombro que meu pai me emprestara. Afinal, a mochila não daria conta, apesar de ter aguentado dez dias em Salvador. Passei a mão na escrivantina e encontrei duas folhas. Em uma delas, quatro mapas impressos com coordenadas de aeroportos, rodoviárias e as hospedagens de cada cidade. Exceto Belo Horizonte, onde um estimado amigo me esperaria no desembarque. Na outra folha, uma tabela impressa com o cronograma de exatamente tudo que eu iria fazer, gastar, a hora exata de conhecer a cidade e o momento de me deslocar para a próxima.

Meu estômago revirou de novo. Não me sentia preparado para viajar sozinho. Mesmo já tendo feito. Aliás, acho que é impossível estar preparado para o desconhecido. Tudo pode acontecer – e isso inclui coisas que podem dar errado. Fechei a mala. Agora, seja o que Deus quiser. Por mais que dois meses de planejamento fossem mais do que suficientes, nada seguraria a

dança frenética que meus órgãos faziam na passagem da adrenalina.

Dormi mal. Se é que dormi. E assim que o sol nasceu estava pronto para sair de casa. Botei o pé na rua. Meu pai ficara de me levar, mas o carro não tinha voltado do concerto a tempo. Tivemos que procurar um táxi.

O ponto era do outro lado da avenida, mas estava vazio. Esperamos algum tempo até que alguém nos avisou que não passaria táxi ali até as 9 da manhã – por coincidência o horário do voo.

Descemos a rua até outro ponto de táxi. Vazio também. Depois de olhar para todos os lados freneticamente, achamos um estacionado num bar próximo ao Terminal Cachoeirinha. O taxista conversava com os amigos em uma mesa de plástico, talvez prudentemente bebendo enquanto não arrumava passageiro.

Arrumou.

Como o aeroporto fica em Guarulhos, a cidade vizinha na qual metade do seu território é preenchido pelas pistas de pouso e decolagem, o taxímetro sofreu um orgasmo que subiu o preço

a ultrapassar qualquer passagem de avião ou trem ou ônibus que eu tenha comprado em meu roteiro. A hora de tirar o dinheiro da carteira levou metade da minha calça e uma patela como prestação.

Para minha sorte, a marginal Tietê estava livre, já que é o contrafluxo rumar à zona leste de manhã. Em questão de quarenta minutos estava eu entrando no Terminal 1 do aeroporto.

O terminal 1 de Cumbica é como um pequeno galpão improvisado para acabar com os atrasos contínuos de Congonhas e dos cybertecnológicos terminais 2 e 3. É como se você entrasse em um supermercado, andasse até o fundo, arrastasse uma porta e NOSSA, terminal 1.

Enfim, dei dois passos da rua para a entrada e embarquei. O frio estava trincando os meus ossos e os da mala. O avião subiu no meio de uma multidão de nuvens. A impressão que eu tinha era que tudo estaria nublado, do começo ao fim. Mas resolvi tentar me concentrar em tirar um cochilo enquanto...

SENHORES PASSAGEIROS EM CINCO  
MINUTOS ESTAREMOS POUSSANDO

Droga.

